

“COMO DE VÓS...” – UM ACTO DE FÉ.

Aires A. Nascimento*

Afigura-se-me simples o enunciado, mas leva-me à sua interioridade numa expressão de fé que é adoração ao Deus que tudo vê e tudo acolhe, quando a simplicidade de criança se desvela e se entrega. Reencontro o seu autor na lucidez de uma inteligência que tudo abarcava, sustentado em raciocínio claro e expressivo, porque nada no enunciador era menos que isso. O enunciado vai dirigido Àquele ao qual nada está escondido: faz-se em oração. Configura palavra pronunciada no interior de si próprio, como manda o Evangelho: “quando rezares, entra no teu quarto e aí fala com teu Pai celeste; Ele que tudo vê em segredo te dará a recompensa” (Luc. 11, 2-4).

Esse último poema de *Fidelidade* é dedicado à memória do Papa Pio XII, aquando do seu falecimento, em Outubro de 1958. Identificando-se, sem o dizer, com o Papa, o autor, em atitude de fé, descobre a sua própria voz e nada mais tem para dar que não seja o modo de pensar n’Aquele a quem se dirige. O homem pouco pode dizer a respeito d’Ele; se diz palavras é para se tornar presente e se ouvir a si mesmo, balbuciando e ordenando o que sente.

O abandono nas mãos de Deus não é apanágio apenas de místicos arrebatados; pois também está aberto a gente simples. Pelo meio, há poetas que sabem encontrar palavras para expressarem esse caminho, mesmo que tenham de penar por causa dele...

Hoje, Pio XII é objecto de controvérsias. Em Maio de 1955, a orquestra filarmónica israelita, dirigida por Paul Klestzky e composta por 95 judeus, de 14 países, se apresentou no Vaticano para interpretar diante dele o “Hino da Alegria” de Beethoven, em agradecimento pela sua intervenção em favor da nação israelita, especificamente em favor de 400.000 judeus durante a 2ª

Guerra. O médico que assistia Pio XII no seu leito de morte confirmou o pedido de que lhe fosse dado escutar a VIIª Sinfonia. Sena reparou nesse pormenor e, na sua sensibilidade musical, reteve-o para a dedicatória.

Da expressão da sua sensibilidade poética julgamos deduzir uma vivência de fé. A expressão “pois que de Vós, meu Deus, me fio em tudo”, escolhida para remate, atravessa-nos por emanar de uma figura que não consentia meias-palavras e denunciava a mediocridade (na “Nota” de *Exorcismos*): “Quase toda a gente, mesmo dos melhores, vive na aflição e na inibição de não dizer nada claramente, de não mencionar nada concretamente, de não estabelecer conexões racionais e lógicas com experiência alguma – o que nada tem a ver com liberdade da imaginação ou com a experimentação linguística, e é apenas o resultado de décadas de meias-palavras cifradas”. A si próprio desvendou-se ele na simplicidade cândida de se confiar (cândido era-o também de nome próprio!).

Não nos seduzem outras considerações de margem. Tomemos o conselho de Sophia Andresen: “De um poema só se pode dizer o próprio poema. Quando muito podemos tentar – sem interpretar – reconhecer o que lá está”. Deste soneto retenho o tom confidente e a entrega incondicional nas mãos do leitor e nas mãos de Deus.

Parte de um pressuposto lógico (“Como”...), segue por uma espécie de concessiva (“Importa pouco ou nada”), passa por uma declaração maior, que é metafísica (“Não de existir sois feito”) mas conclui, assertivamente, em entrega confiante (“Humildemente sei que em Vós confio”). A entrega é reforçada racionalmente, para que não restem dúvidas (“e mesmo isto o sei pouco ou quase esqueço”) e retoma na conclusão o que deve permanecer (“pois que de Vós, meu Deus, me fio em tudo”).

O que o poeta tem para se declarar é a si mesmo, na veracidade de quem se entrega. O momento final, coincidente com o passamento de Pio XII, é o de identificação com aquele que acabava de entregar tudo a Deus, como Cristo o fizera: *in manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*. Podia por isso

exclamar *consummatum est*, que é como quem diz “em Deus confio, nada temo”. Pio XII atraía a atenção até por sua silhueta alta, que se oferecia como mediador entre o humano e o divino. Sena terá contemplado essa figura e o que ela significava: com Deus presente, mesmo que ausente, sentindo o divino que vive longe estando sempre perto.

Em rebate de sagrado, afinal, muitas vezes teremos de enfrentar momentos de “Este pavor, meu Deus / De Te reduzir ao som, à música das quatro letras”, muito embora confidenciando-lhe que “De Ti, / só o teu reflexo é irreparável” (“Caverna”, 1941). O que lemos em “Como de Vós...”; seria profanar o seu alcance se o reduzíssemos a forma literária: *odi profanum vulgus et arceo...* Para mim é confissão de fé e antecipação de eternidade.

A minha leitura levou-me ao convívio que nunca tive com o poeta. Apenas o avistei em Araraquara (onde, um dia, me foi dado bater à porta do seu gabinete de trabalho). Revejo-o no centenário que nos entra pela porta grande da memória.

* Academia das Ciências de Lisboa, Fac. de Letras da Univ. de Lisboa